

Quando trincheiras de ideias valem mais que trincheiras de pedras: combates de ideias entre dois líderes das independências hispano-americanas

Eugênio Rezende de Carvalho*

FREDRIGO, Fabiana de Souza. *Guerras de papel: Francisco de Paula Santander e Simón Bolívar, das peças autobiográficas à relação epistolar (1826-1837)*. Goiânia: Editora UFG, 2017. 320p.

Com a passagem de dois séculos desde a deflagração, em 1810, dos processos históricos que se estenderam até 1824 e culminaram na emancipação das colônias hispano-americanas, vêm ocorrendo em vários países da América Latina “celebrações” do bicentenário de suas respectivas independências políticas. Por meio dessas efemérides, os calendários acabam nos impondo, periodicamente, seus temas e fatos históricos de forma implacável, fornecendo sempre, felizmente, a possibilidade de um novo olhar para um “mesmo” passado. Na esteira dessas celebrações, o grande público de cada uma dessas nações tem tido e terá à disposição, certamente, um acesso maior às sínteses históricas, cronológicas e factuais a respeito das independências nacionais. Surge, assim, a oportunidade, embora menor do que se poderia esperar, para o necessário debate sobre o significado, em pleno século XXI, desses acontecimentos que marcaram indelevelmente os perfis, os limites e as possibilidades de novos Estados nacionais latino-americanos que começariam a ser formados a partir das primeiras décadas do século XIX, quando a própria ideia de América Latina sequer existia.

Além do mais, é natural que tal efeméride alcance e instigue ainda o debate acadêmico e a prática historiográfica, desafiando os historiadores da região a revisitar o tema, empreender seus balanços e, eventualmente, reavaliar e reconsiderar tradicionais interpretações acerca de tais processos históricos, dos seus limites e complexidades, das principais ideias ou circunstâncias que lhes serviram de motivação, bem como do papel desempenhado pelos seus principais agentes e sujeitos, individuais ou coletivos – seja à

* Professor Titular da Faculdade de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil. Pesquisador Bolsista Produtividade do CNPq, com atuação e experiência nas áreas de História das Américas – especialmente América Latina – e de Teoria e Filosofia da História. E-mail: eugeniodecarvalho@gmail.com



luz de novas fontes ou com base em novos olhares, novas abordagens ou perspectivas teórico-metodológicas. É neste contexto que se insere e se desenvolve a pesquisa que deu origem ao livro *Guerras de papel: Francisco de Paula Santander e Simón Bolívar, das peças autobiográficas à relação epistolar (1826-1837)*, de Fabiana de Souza Fredrigo, professora e pesquisadora latino-americanista da Faculdade de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Esse livro, conforme relata a própria autora, apresenta-se como uma continuidade de um esforço investigativo iniciado com a elaboração de sua tese de doutoramento, na qual explorou o tema *História e memória no epistolário bolivariano (1799-1830)*, defendida na UNESP-Franca em 2005 e publicada na forma de livro em 2010¹. Essa temática fora mais tarde aprofundada e estendida em sua pesquisa de pós-doutoramento, concluída em 2010 junto à Universidade de São Paulo (USP), da qual resultou o livro que ora resenho. Nele, a autora se propôs a ler e reavaliar, à luz da historiografia, as cartas de Francisco de Paula Santander (1792-1840), confrontando-as com as epístolas de Simón Bolívar (1783-1830), de forma a indicar a formação de uma rede de sociabilidade entre esses generais independentistas hispano-americanos, incorporando ainda as peças autobiográficas de Santander ao seu estudo, de forma a enriquecê-lo mediante o diálogo entre as fontes de natureza autobiográfica e epistolar.

Assim, segundo Fredrigo, o objetivo principal de *Guerras de papel* foi cotejar a correspondência de Bolívar com a de Santander, considerando que as versões históricas em torno da independência e dos homens que nela atuaram foram construídas a partir de Bolívar. Visando tal objetivo, a autora se empenhou em construir parte da rede de correspondência entre Bolívar e seu mais importante interlocutor, Santander, por meio da leitura e da avaliação do epistolário deste último, compreendendo ser possível, a partir dessa fonte – somada às peças autobiográficas de Santander – “propor novas discussões em torno dos projetos nacionais para as Américas e, sobretudo, indicar as disputas de memória internas à elite latino-americana, condutora do processo das independências no século XIX” (FREDRIGO, 2017, p. 18).

Guerras de papel encontra-se dividido em duas partes ou capítulos. O primeiro, intitulado *O ato autobiográfico: o combate de Francisco de Paula Santander*, trata da

¹ FREDRIGO, Fabiana de Souza. *Guerras e escritas: a correspondência de Simón Bolívar (1799-1830)*. São Paulo: Editora UNESP, 2010. 290p.

apresentação e análise das peças autobiográficas de Santander escritas em 1829 e em 1837, indicando de que maneira Bolívar funcionaria como uma “persona-espelho” para a escritura autobiográfica, colaborando para “afirmar a existência de uma comunidade de valores entre os generais independentistas” (2017, p. 295). *Libertar e organizar a América desejada: diferentes acepções na correspondência entre Francisco de Paula Santander e Simón Bolívar* é o título do segundo capítulo, que trata pormenorizadamente da correspondência entre Santander e Bolívar, no período entre 1826 e 1830, com destaque para as divergências entre os dois generais independentistas, que tiveram como fruto, conforme Fredrigo, uma redefinição dos significados de *libertar e organizar*. Cada um desses capítulos subdivide-se em cinco itens, procurando, segundo a autora, expor as reflexões pertinentes às fontes utilizadas e ao tema de seu interesse, qual seja, as independências na América Hispânica. A ordem desses capítulos e seus temas justificam-se, de acordo com Fredrigo, por permitir desvelar, primeiro, como o escrito autobiográfico explorava as cartas para, depois, apresentá-las. Em seu esforço de se afastar de certas interpretações historiográficas tradicionais, a autora, com sucesso, não se limitou a registrar o histórico de desentendimentos entre os dois generais, antigos companheiros; buscou qualificá-lo e, sobretudo, demonstrar que tais dissonâncias se constituíam sobremaneira pelo “ressentimento (e partilha, efetivamente) quanto a um projeto para a América” (FREDRIGO, 2017, p. 25).

Ampliando e avançando os propósitos de sua tese de doutorado, de posse de um rico e variado conjunto de fontes sobre o tema estudado e ainda lançando mão de um apurado rigor teórico-metodológico em sua análise, o texto de Fabiana Fredrigo explora com ousadia novos territórios disciplinares (psicanálise, linguística e crítica literária), ampliando notavelmente o horizonte de sua reflexão, buscando escapar das abordagens historiográficas que privilegiam em demasia as estruturas políticas e/ou econômicas ou que corroboram a tese da ineficácia transformadora da elite *criolla*, abordagens essas insuficientes e incapazes – como acertadamente aponta a autora – de explicar a complexidade dos processos históricos das independências hispano-americanas. Logra com isso, em relação ao diálogo entre os generais hispano-americanos Bolívar e Santander, a “demonstração da partilha de um projeto americano, sustentado pela ação na guerra e na política” (2017, p. 294), revelando o que Fredrigo chama de uma “cultura heroica”, reforçada pelas histórias nacionais do século XIX. De sua investigação,



decorre uma crítica à tese reducionista segundo a qual “à elite *criolla* interessava tão somente ocupar o lugar de comando dos espanhóis” (embora reconheça que esse tenha sido um dos interesses), enfatizando a necessidade de se explicar a complexa dinâmica das ideias de Bolívar e Santander, que iam do otimismo, esperança e mudança à frustração e perplexidade (FREDRIGO, 2017, p. 296).

A propósito, ao longo das páginas de *Guerras de papel*, o leitor terá a oportunidade de conhecer a perspectiva crítica da autora sobre parte da história política tradicional, que trata dos processos das independências hispano-americanas, cuja narrativa historiográfica teria se concentrado nos interesses *criollos* para efetivar a independência. Fredrigo propõe uma inversão da questão colocada por essa narrativa tradicional, deslocando o foco para a identificação e análise das dificuldades inesperadas, do imponderável, das frustrações de Bolívar e Santander. Como diferenças fundamentais que motivavam as *guerras de papel* entre os principais líderes do processo independentista, encontravam-se os distintos projetos de republicanismo que cada um deles preconizava. Vale sublinhar que tais combates deram-se sob a égide de uma forte tradição discursiva detratora e preconceituosa, de origem europeia e de remotas raízes históricas, que, no afã de descrever a realidade americana, incluindo sua natureza e sua gente, desqualificava o Novo Mundo a partir de argumentos (acusações) como impotência, inferioridade e degeneração. Trata-se do fenômeno que o historiador das ideias italiano Antonello Gerbi, em seu clássico *O Novo Mundo: história de uma polémica (1750-1900)*, chamou de “calúnia” contra a América. É nesse sentido que, conforme a autora registra com precisão, essa geração da independência teve de lidar com “o dilema de *ter de ser* americana, quando os parâmetros de civilidade impostos eram os europeus. *Os americanos tiveram de se descobrir e se refazer americanos*” (FREDRIGO, 2017, p. 27). É igualmente nessa perspectiva que Fredrigo chama ainda a atenção para o desconforto e ressentimento manifestados por Bolívar e Santander “com a obra das independências, não exatamente pela separação da Espanha, mas pela frustração não prevista em relação a uma modernidade que, àqueles olhos (pese o otimismo de outros tempos), era inalcançável” (2017, p. 31).

Por fim, da perspectiva do historiador – e não do linguista –, atenta à historicidade dos discursos, à tensão entre as fontes e o debate historiográfico, aos limites da subjetividade e da objetividade, aos códigos internos e externos à linguagem,



Fabiana de Souza Fredrigo estabelece, em *Guerras de papel*, “relações entre a escrita da história, a leitura do epistolário e a narrativa interna às cartas e às peças autobiográficas” (2017, p. 36). Suas fontes privilegiadas, autobiografias e cartas, colocam em evidência a dimensão da vida privada, sempre entremeada à vida pública, de dois generais independentistas; oferecem um contraponto, ou complemento, a tantos documentos públicos por eles produzidos, brindando-nos, assim, com outra face, notadamente subjetiva e privada, dos “heróis” das independências. Além disso, em *Guerras de papel* encontramos uma rica discussão e análise acerca das relações entre as independências e a liberdade, sobre como aquelas não garantiram esta, ao contrário do que desejaram Bolívar e Santander no contexto das independências hispano-americanas. Uma discussão que abrange e se articula, vale dizer, à outra complexa e problemática relação: entre as independências e os projetos de identidade nacional propugnados pelas lideranças dos movimentos independentistas.

Para concluir, retomo e justifico o título conferido a esta resenha, evocando um intelectual, escritor e líder político cubano do século XIX, José Julián Martí y Pérez (1853-1895), que tal como Santander e Bolívar – e inspirado em grande parte por este último – também lutou pela independência de sua pátria contra o domínio espanhol. Martí, certa vez, escreveu que *uma trincheira de ideias vale mais que uma trincheira de pedras*. Tal máxima poderia ser aplicada com bastante propriedade ao caso dos generais independentistas Bolívar e Santander, que combateram as suas guerras – juntos ou entre si –, valendo-se de suas espadas, mas, fundamentalmente, de suas penas. Enfim, combateram escrevendo; suas artilharias eram compostas sobretudo por ideias. Daí ter concluído a própria autora, de forma feliz e acertada, que seu livro “*Guerras de papel* é a expressão de um combate tão vivaz e fundamental quanto o que teve lugar nos campos de luta contra o exército espanhol” (FREDRIGO, 2017, p. 295). Numa analogia com tal assertiva, extrapolando-a, arriscamo-nos a dizer, em outra dimensão, que *Guerras de papel* pode ser, ele próprio, a expressão do combate vivaz e fundamental pela renovação da historiografia acerca tanto dos processos e movimentos de independência política das colônias espanholas na América quanto do pensamento político hispano-americano do século XIX.